

COMO LER OS APÓCRIFOS DO SEGUNDO TESTAMENTO

Jacir de Freitas Faria¹

Introdução

Como ler os apócrifos? Essa é uma boa pergunta. A Igreja ensinou ao longo de sua história que esses livros não deveriam ser lidos. Muitos deles foram enviados para o catálogo dos livros proibidos e até queimados. Monges e lideranças cristãs, contrariando essa decisão, conservaram muitos deles em potes que foram enterrados e descobertos recentemente. Também as comunidades cristãs conservaram na memória os ensinamentos e histórias desses livros proibidos. Quando eu era pequeno, ouvia de minha mãe histórias que sempre começavam assim: Quando Deus andou no mundo... Ela se referia, sem o saber, aos apócrifos do Segundo Testamento. Deus, isto é, Jesus fez muitas coisas que os livros canônicos, os considerados inspirados, não registraram. O imaginário popular conservou na música, na literatura e na liturgia, preciosidades apócrifas que viajaram além-mar e que nem o tempo conseguirá apagar.

1. Ferramentas para ler os apócrifos

Para ler os apócrifos, sobretudo os mais de sessenta do Segundo Testamento, é preciso por primeiro classificá-los em três categorias, a saber: aberrantes, complementares e alternativos. Por *aberrantes* se entende aqueles que falsearam ou exageraram ao descrever os fatos, por exemplo, da infância de Jesus. Já os *complementares*, são aqueles que apresentam dados que complementam os textos canônicos. Neste grupo estão, por exemplo, os Evangelhos sobre Maria, a mãe de Jesus. Os *alternativos* são os que trazem novidades, seja no conteúdo, seja na expressão de um pensamento rejeitado e condenado ao esquecimento pelo pensamento hegemônico da época. O Evangelho de Maria Madalena é o melhor exemplo para um texto alternativo apócrifo. Não considerar essa divisão é colocar os apócrifos em uma única categoria, a de textos falsos, mentirosos e não inspirados. Também na Bíblia canônica há textos que não refletem a inspiração divina como tal, mas propriamente elementos culturais de Israel, mas claro, num contexto de inspiração.

Ler os apócrifos é também considerar as disputas teológicas que marcam o seu contexto. Tais disputas teológicas aconteceram entre grupos e movimentos. Várias questões referentes à trindade, cristologia e salvação foram tratadas por movimentos liderados por Ário, Nestório, Marcião, Pelágio, etc. Os *gnósticos* lutaram contra os

1. Mestre em Ciências bíblicas pelo PIB-Roma, professor no ISTA (BH) e autor de vários livros, dentre eles: *As origens apócrifas do cristianismo* (Paulinas); *O outro Pedro e a outra Madalena segundo os apócrifos* (Vozes); *História de Maria, mãe e apóstola de seu filho, nos Evangelhos Apócrifos* (Vozes) e *Vida secreta dos apóstolos nos Atos dos Apóstolos apócrifos* (Vozes).

chamados “Eclesiásticos”, que, segundo eles, constituíam a hierarquia eclesial cega que conduzia cegos ao caminho da não salvação. O gnosticismo foi uma corrente de pensamento que influenciou o cristianismo emergente (120 a 240 E.C.) e se estendeu até o séc. VIII em várias ramificações, na Palestina, Ásia Menor, Egito, Síria, Arábia, Pérsia e Roma. A salvação está no conhecimento de mim mesmo e de Deus. Os gnósticos se dividiram basicamente em *Cainitas*, considerados os mais libertinos; *Docetas*, que acreditavam que a humanidade de Cristo era simplesmente aparente; *Encratistas*, os quais defendiam a vida celibatária como caminho de salvação, negando o matrimônio e toda e qualquer relação sexual. O gnóstico perfeito voltaria à realidade superior da luz (Pleroma), de onde veio. Portanto, ler os apócrifos exige compreender o pensamento gnóstico.

Ler os apócrifos exige um acurado estudo histórico da época de cada apócrifo. O contexto é importante para compreender o porquê da expressão de fé transformada em livros apócrifos. Os apócrifos marianos, por exemplo, surgiram num contexto de retomada da devoção a Maria, virgem e mãe².

A chave de leitura pastoral dos apócrifos é algo novo que nos desafia no estudo destes textos. Em que eles podem nos ajudar na fé crítica, alicerçada nas bases de uma teologia que liberta?

Outro fator preponderante no contexto dos apócrifos é o da liderança das mulheres na primeira hora do cristianismo. Liderança essa ceifada, no fim do século II, em detrimento da liderança feminina. Esse fator nos impõe uma leitura de gênero dos apócrifos, de modo, que possamos resgatar o papel de Madalena como apóstola do cristianismo e nunca como prostituta. Também Maria, a mãe de Jesus, é descrita nos apócrifos como mãe virgem e apóstola de seu filho. Assim, uma ferramenta importante para compreender os apócrifos é o da leitura de gênero.

A tradição popular perpetuou na memória oral e escrita os ensinamentos de fé dos apócrifos. O imaginário popular quis que essa fé não se perdesse, mesmo que não considerada a oficial. Ele a conservou “inspirada” por outros caminhos.

2. A releitura da literatura apócrifa no imaginário popular

A literatura apócrifa do Segundo Testamento contribuiu sobremaneira para manter viva a fé no imaginário popular. São histórias de piedade que se transformaram em poesia, canto, pinturas, músicas e expressões devocionais. Nestes casos, não estamos diante de uma história bíblica, mas abordagens de fé historiográficas, piedosas e que, por vezes, foi o único modo encontrado na cultura popular para resistir ao modo institucional e canônico de celebrar a fé. Essas imagens, por outro lado, sedimentaram opiniões não muito condizentes com uma fé libertadora. Elas provocaram resignação e discriminação. Vejamos como isso se deu em vários aspectos.

2. Estamos preparando um capítulo de um livro que apresentará a linha do tempo dos apócrifos.

2.1. *A história de vida e fé de personagens bíblicos na catequese*

A catequese se desenvolveu ao longo dos séculos contando histórias e, a partir dela, repassando elementos de fé e vida. Vários personagens e temas se destacaram nesta empreitada de fé.

a) Madalena

Madalena é umas das personagens mais emblemáticas do cristianismo. Foram Santo Irineu e o Papa Gregório Magno que propagaram a opinião de que Madalena era prostituta. Foi interpretando Lc 7,36-50, que menciona uma pecadora que unge os pés de Jesus, que Gregório Magno, chamando-a de Madalena, ensinou aos seus, na Catedral de Milão, nos idos anos de 596, que o exemplo dessa mulher impura e prostituta, mas santa convertida, deveria ser seguida pelos seus fiéis. A partir desse fato, uma escola de resignação e pecado foi fundada e transmitida por séculos e séculos afora até os nossos dias. Contrário ao que se pensa, os evangelhos apócrifos não só rebatem esta interpretação, mas apresentam Madalena como: companheira, esposa/consorte e amada de Jesus, personificação terrena da gnose/sabedoria, intérprete e confidente de Jesus. A relação matrimonial entre Madalena e Jesus, apregoada pelos gnósticos, pode ser compreendida como encarnação de uma realidade espiritual, prefigurada no amor humano. Madalena representa o espírito feminino que se une ao espírito masculino, Jesus. Assim, a unidade que existia inicialmente no Pleroma é restabelecida no casamento dos espíritos gnósticos. No entanto, caso Jesus e Madalena fossem casados, isto teria sido citado nos evangelhos canônicos, mas o contrário também, pode ser verdadeiro. As mulheres, nos canônicos, eram citadas sempre em relação aos seus maridos. De Madalena, no entanto, sempre se diz: ‘de quem havia (Jesus) expulsado sete demônios’. A relação amorosa de Jesus e Maria Madalena pode ser compreendida nos moldes dos grandes místicos, como Francisco e Clara de Assis. Mas, ainda sim, fica a pergunta: e se a relação fosse outra? Onde estaria o problema? O imaginário popular conserva a imagem de Madalena como prostituta e pecadora, mas também modelo de fé. Mudar essa concepção está longe de ser alcançada. Filmes e romances recentes ajudaram na discussão da temática, mas muitos séculos ainda serão precisos para uma mudança de mentalidade a respeito dessa mulher, liderança da primeira hora do cristianismo³.

b) Maria, a mãe de Jesus

Maria, a mãe de Jesus, tem sua história contada em nada menos que 15 evangelhos apócrifos de forma completa, desde a concepção até a sua assunção ao céu. A piedade popular mariana encontra aí sua fonte. Ela aparece como mãe e apóstola de seu filho. Várias tradições populares e catequéticas sobre Maria aparecem nos apócrifos, tais como: a sua coroação; a palma de Nossa Senhora; a assunção de Maria; a sua vir-

3. Para um estudo de Madalena, sugerimos o nosso livro *O outro Pedro e a outra Madalena segundo os apócrifos*, Petrópolis: Vozes.

gindade; a consagração a Maria; sua vida em Nazaré; os nomes de seus pais Joaquim e Ana; a vara do idoso José que floruiu, ao ser escolhido para ser seu marido; a dormição e não morte da Virgem Maria; a viagem de Maria, José e o menino Jesus para o Egito; a presença de Maria aos pés de Jesus, quando ele morre, vem daí a devoção a Nossa Senhora da Boa Morte, cantada nas Irmandades que levam este mesmo nome. A tradição apócrifa mariana conservou o lado mãe de Maria, sua virgindade perpétua e seu apostolado. Infelizmente, a resignação também ganhou força nessa tradição. Maria sofreu e também as mulheres devem suportar o seu sofrimento. A virgindade com caminho de salvação, defendida no início do cristianismo pelos gnósticos encratistas, ganhou força na piedade mariana.

c) Dogmas da Igreja Católica

Vários dogmas da Igreja Católica buscaram inspiração na tradição apócrifa. Podemos enumerar vários deles, como: Virgindade de Maria, Imaculada Conceição, Assunção de Maria. É também de origem apócrifa⁴ a profissão de fé que declara que Cristo, depois de crucificado, morto e sepultado, *desceu à mansão dos mortos*. Um dogma de fé, para ser declarado, primeiro é transmitido oralmente por muito tempo, isto é, suficientemente manifestado. A igreja simplesmente reconhece a tradição e confirma tal devoção como “verdade de fé revelada por Deus” e que pode ser seguida como doutrina. O interessante nessa questão é que a Igreja rejeitou os apócrifos, mas fez uso de muitos de seus ensinamentos nos dogmas e tradição de fé.

d) A piedade popular

Devoções da piedade popular estão também nos apócrifos. Cito algumas: Verônica que enxuga o rosto de Jesus; o pano que encobre o corpo de Jesus na cruz; a ladainha de Nossa Senhora; São Pedro padroeiro das viúvas; coroação de Maria; o lírio de São José; a devoção a São José como padroeiro da família; o nome José dado aos filhos para evitar a peste na casa, etc. No Brasil, mais de 70 municípios levam o nome de São José. No nordeste brasileiro, ele é invocado para pedir chuva.

2.2. Os apócrifos na música popular brasileira, nos benditos e acalantos

A música popular brasileira e benditos antigos cantam com maestria a fé, a devoção, bem como o desejo de amar e rejeitar duas mulheres, Maria, a mãe de Jesus, e de Madalena. Elas foram as que mais inspiraram benditos e músicas que perpassaram séculos de cultura. Esse foi o modo como as comunidades e artistas encontraram para ler e reler os textos apócrifos.

4. Cf. o nosso comentário ao apócrifo que trata desse tema em: *O outro Pedro e a outra Madalena segundo os apócrifos*, 3 ed., Petrópolis: Vozes, p. 76-102.

a) *Maria, a dócil mãe, José, seu ajudante, e a cruz nos benditos e acalentos*

O *Bendito de Nossa Senhora da Conceição* faz uma menção explícita ao ramo de palmeira que Maria recebeu antes de sua morte, conforme atestam os apócrifos⁵. No apócrifo *Descanso de Maria*, Jesus, em forma de anjo, vai ao encontro da mãe e lhe dá um ramo de palmeira do paraíso. Já no *Bendito* popular é o devoto que se levanta de madrugada para ir ao encontro de Maria, chamada de Nossa Senhora, Aparecida e Conceição. Assim canta o bendito⁶:

*Levantei de madrugada
Pra varrer a Conceição
Encontrei nossa Senhora
Com seu raminho na mão*

*Eu pedi a ela o raminho
Ela me disse que não
Eu tornei a lhe pedir
Ela me deu seu cordão*

*O cordão era tão grande
Que do céu rastava ao chão
Ainda dava sete voltas
Em redor do coração*

*Numa ponta tem São Pedro
Na outro Senhor São João
No meio tem um leteiro
Da virgem da Conceição*

O canto termina oferecendo o *Bendito* a Maria e Jesus crucificado. Esse bendito não só menciona a palma de Nossa Senhora, aqui intitulada de raminho, mas reforça outras imagens apócrifas da ligação de Maria com o céu, a confirmação do ministério de Maria pelos apóstolos São Pedro e São João. No centro do coração, a inscrição *Virgem da Conceição* reflete a piedade apócrifa da virgindade de Maria e sua concepção imaculada.

A devoção também a São José aparece em benditos e acalentos. Ressalto aqui dois deles, intitulados de “O caminho de São José” e “Nossa Senhora na beira do rio”. Em ambos, São José aparece em função de Maria. Ela é a mais importante. São José conduz Maria para a manjedoura de Belém e a ajuda a lavar roupa do menino Jesus.

5. Cf. os apócrifos *Passagem da Bem-aventurada Maria*, 4; *Trânsito de Maria do Pseudo-Militão de Sardes*, 3; *Livro do Descanso*. Essas passagens estão citadas e comentadas por nós no livro: *História de Maria, mãe e apóstola de seu filho, nos evangelhos apócrifos*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 146.

6. Letra recolhida no CD *Agora Lábios Meus*, Coral Tangará de Santa Isabel, Paulinas. Este bendito, assim como os outros citados, provém deste CD.

No Bendito *Caminho de São José* fica evidente toda a tradição apócrifa do nascimento de Jesus em uma manjedoura com a presença de animais. Eis a letra do mesmo.

*O caminho de São José
Que também é de Maria
Tanto ele andava de noite
Como ela andava de dia*

*José chegou em Belém
Lá todo mundo dormia
Abri as portas meu povo
Pra entrar a Virgem Maria*

*São José de porta em porta
Andava e não achou
Chegou numa manjedoura
Maria se agasalhou*

*São José foi buscar luz
Aonde não havia
Bendito e louvado seja
Nasceu o menino de Maria*

*Galo cantou meia-noite
Falando: Cristo nasceu!
O boi perguntou: aonde?
Carneiro disse: em Belém*

*Não nasceu em cama de ouro
Nem em cama de cortina
Nasceu numa manjedoura
Onde o boi bento comia*

O fato do boi ser chamado de “bento” vem dos apócrifos, quando ressalta a figura de uma vaca que não queria sair da manjedoura, mesmo a mando e golpes de seu dono, para acalentar o menino que nasceria com o seu calor. São Francisco de Assis, na Idade Média, retoma a devoção popular apócrifa do nascimento de Jesus e cria o primeiro presépio da história.

No acalento ou cantiga de ninar *Nossa Senhora na beira do caminho*, obra data- da no século XIV, retrata o cuidado de Maria, mulher e mãe, com o seu filho. Não faltam aqui, além da docilidade maternal de Maria, a teologia da cruz-sofrimento prefi- gurada pela mãe. Nota-se aí certa resignação. Vejamos a letra.

*Nossa Senhora na beira do rio
Lavando os paninhos de seu bento Filho*

*Maria lavava e José estendia
O menino chorava do frio que fazia*

*Não chore menino, calai meu amor
Que a faca que corta dá o golpe sem dor*

*Os filhos dos ricos em berço dourado
E vós, meu menino, em palha deitado*

*No monte Calvário, avistei uma cruz
É cama e travesseiro de meu Bom Jesus*

A teologia mariana desse Bendito, ao fazer uso da tradição apócrifa, liga o papel de Maria-mãe com o sofrimento de seu filho, Jesus, marcado pelo destino da morte no calvário de Jerusalém. Maria é a mãe do sofrimento. Ser mãe é quase aceitar esta condição de mulher. O devoto acaba criando certa resignação. O fim último da vida é o sofrimento. Nada há para ser feito. Nem mesmo o menino Jesus precisa chorar, pois “a faca que corta dá golpe sem dor”.

b) Maria, virgem e rainha, no Ofício da Imaculada Conceição

O popular *Ofício de Nossa Senhora* é cantado de cor por pessoas, comunidades e famílias do interior do Brasil, aos sábados, mas também em diversas circunstâncias da vida, como na hora do parto, mau tempo e queimadas. A sua data de composição remonta ao ano de 1450⁷. Esse ofício teve a aprovação oficial do Papa Inocêncio XI e está dividido por horas, assim como a oração oficial da Igreja, o Ofício Divino. Destacamos aqui algumas frases do texto que se inspiram nos apócrifos.

*Santa Maria, Rainha dos céus...
Florescente vara, a qual escolheu para ser mãe sua e de vós nasceu.
Deus vos salve, Virgem...
Fostes, Virgem Santa, o ventre ditoso, de Ana concebida.
Vós que habitais lá nessas alturas e tendes vosso trono sobre nuvens puras.*

A letra do bendito retoma a tradição apócrifa da coroação de Maria como Rainha do céu, onde ela recebeu um trono, bem como a história da vara de José que floresceu quando da sua escolha para ser o esposo de Maria. Ademais, a expressão de fé na virgindade de Maria, menciona também a sua concepção virginal no seio de Ana. Deste modo, a fé mariana se perpetuou na linha da virgindade e da realeza.

Interessante é o fato desse ofício ser rezado no momento de um parto, mau tempo e queimadas. O parto diz respeito à concepção. Mau tempo e queimadas são perigos que causam destruição. Invocando e enaltecendo a Maria, virgem e rainha do céu, essa releitura apócrifa apresenta um modelo de mulher inacessível, arquétipo de pureza do corpo e da natureza, que devem ser buscados e desejados por todos. Mesmo dando à luz, a mulher deve buscar a virgindade. A queimada deve ser extinta logo com invocação de Maria, de modo que a natureza retome o seu estado harmonioso de pureza quase virginal.

7. Cf. Frei Chico, na apresentação do CD acima citado, *Agora lábios meus*.

Nessa mesma linha de pensamento, encontra-se a situação de mau tempo. Na concepção teológica do mundo antigo, invocava-se Deus para controlar a natureza. O ser humano vivia em constante pavor diante da natureza. Aqui, na invocação de Maria, há uma transferência de papéis. Maria é vista quase como uma idéia que tem poder de intervir na natureza em favor do ser humano.

c) Madalena, mulher prostituta no canto e na poesia

Martinho da Vila canta uma música que ficou muito popular, *Madalena do Jucu*. Madalena, por ser prostituta, é associada ao amor, sexo e namoro. Madalena, no entanto, é cantada de forma positiva.

*Madalena, Madalena,
Você é meu bem querer
Eu vou falar pra todo mundo,
Vou falar para todo mundo
Que eu só quero é você...
Meu pai não quer que eu case
Mas me quer namorador*

Silveira e Barrinha Lyrics canta em *O Berrante de Madalena*, a história de uma mulher encantadora, santa e pecadora de nome Madalena, que com seu berrante salva a boiada de um boiadeiro de fé, a pedido de Jesus. Ela também vem do céu e é capaz de perdoar e ressuscitar.

*Comprei uma boiada pra cá eu vim trazendo
No chão de Goiás
Depois de atravessar a fronteira
Do rico estado de Minas Gerais
A boiada estourou no pé da grade
Serra dos cristais
Lutei bastante, quase o dia inteiro
Mas a boiada esparramava mais
Morreram cinco dos meus companheiros
Fiquei sozinho com o capataz*

*Meu companheiro me falou chorando
Espero em Deus o nosso salvador
Olhei pro céu e avistei baixando
Um misterioso disco voador
Salvo na terra moça boiadeira
E o seu berrante mudava de cor
Falou contente com lindo sorriso
Pra te salvar hoje aqui estou
Eu vim do céu pra salvar a boiada
E o seu berrante ela repicou
“Estou chegando tocando o meu berrante
Tenha juízo ó meu grande amor*

*Eu vim do céu para salvar a boiada
Cumprindo ordens do Nosso Senhor*

*O repique do seu berrante
Logo a boiada foi aglomerando
E os companheiros que tinham morrido
Naquele instante eu vi ressuscitando
Vendo o milagre dessa boiadeira
Que para o céu ela foi levitando
Seu rosto lindo era o de Madalena
E minhas penas ela foi perdoando
Caí de joelhos com o rosto em terra
E de contente soluzei chorando”*

*Quando a boiada entreguei em Barretos
Com todos boi contado na chegada
Foi um milagre de Madalena
A boiadeira que eu vi lá na estrada
No outro dia eu fui acordando
Pois foi um sonho a grande jornada
Por isso mesmo eu creio em Madalena
A pecadora foi santificada*

*Quisera sempre minha protetora
Pois minha alma já se sente amparada*

Conclusão

A leitura dos Apócrifos do Segundo Testamento nos remete à devoção popular, firmada numa catequese extra-oficial, que alicerçou músicas, benditos e acalentos.

Ler os apócrifos exige a distinção prévia dos vários tipos de textos e lê-los conforme a sua tradição *aberrante*, *complementar* ou *alternativa*. E, nessa mesma perspectiva, há de se considerar a *linha do tempo dos apócrifos*, bem como o *valor pastoral* de cada um deles.

Estudar os apócrifos, no entanto, não significa reivindicar a canonicidade dos mesmos, mas ecumenicamente respeitá-los e não imputá-los, de forma drástica, um juízo de valor negativo, como fez o poder hegemônico eclesial.

A leitura de gênero, que procura estudar a relação de poder entre homem e mulher e suas conseqüências, tem uma fonte inesgotável nos apócrifos. Nessa leitura, Madalena ressurgue das cinzas de uma falsa atribuição que lhe foi imposta pela interpretação errônea de Lc 7,36-50.

Na outra ponta da linha, no entanto, Maria, a mãe de Jesus, corre o risco de ser interpretada de forma resignada. No entanto, é salutar também compreender Maria-apócrifa como mãe e apóstola.

O povo fez o seu caminho de fé ao cantar valores de uma fé apócrifa em benditos, acalentos e músicas. Gente de fé simples e piedosa, mas também eruditos se inspira-

ram na tradição oral apócrifa para cantar a vida de personagens que se tornaram eternos para todos nós.

Bibliografia para o estudo dos apócrifos

FARIA, Jacir de Freitas. *As origens apócrifas do cristianismo. Comentário aos evangelhos de Maria Madalena e Tomé*. 2ª edição, São Paulo: Paulinas, 2004.

_____. *O outro Pedro e a outra Madalena segundo os apócrifos. Uma leitura de gênero*. Série Comentário aos Apócrifos, 3ª edição, Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. *Vida secreta dos apóstolos e apóstolas à luz dos Atos Apócrifos*. Série Comentário aos Apócrifos. 2ª edição, Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. *História de Maria, mãe e apóstola de seu filho, nos Evangelhos Apócrifos*, Série Comentário aos Apócrifos. 2ª edição, Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. *El otro Pedro y la otra Magdalena según los apócrifos. Una lectura de gênero*. Estella (Navarra): Verbo Divino, 2005

MORALDI, Luigi. *Evangelhos Apócrifos*, São Paulo: Paulus, 1999.

OTERO, Aurélio de Santos. *Los evangelios apócrifos*. Madri: BAC, 1991.

PAGELS, Elaine. *Os evangelhos gnósticos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

PIÑERO, Antonio; TORRENTES, José Montserrat; BAZÁN, Francisco Garcia. *Textos gnósticos: Evangelhos, Hechos, Cartas*. Biblioteca de Nag Hammadi, II. Madri: Trotta, 1999.

_____. *Textos gnósticos: Apocalipsis y otros escritos*. Biblioteca de Nag Hammadi, III. Madri: Trotta, 2000.

RAMOS, Lincoln. *Fragmentos dos Evangelhos Apócrifos*. Petrópolis: Vozes, 1989.

_____. *São José e o menino Jesus: História de José o carpinteiro e Evangelho do pseudo-Tomé*. Petrópolis: Vozes, 1990.

_____. *Morte e Assunção de Maria: Trânsito de Maria e Livro do Descanso*. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. *História do Nascimento de Maria: Proto-Evangelho de Tiago*. Petrópolis: Vozes, 1998.

SANTIAGO, Martin. *Evangelho Secreto da Virgem Maria*. São Paulo: Paulus/Mercuryo, 2004.

TILLESSE, Caetano Minette. Extra-canônicos do Novo Testamento. *Revista Bíblica Brasileira*. Fortaleza: Nova Jerusalém, 2004.

Jacir de Freitas Faria
Praça São Francisco das Chagas, 195
Bairro Carlos Prates
30710-350 Belo Horizonte, MG
Internet: www.bibliaeapocrifos.com.br